

SOBRE A QUESTÃO DA CARIDADE

(ou a Ciência do Dar e Receber)

" Não é por causa do marido, minha amada, que o marido é querido, e sim por causa do Eu.

Não é por causa da esposa, minha amada, que a esposa é querida, e sim por causa do Eu.

Não é por causa dos filhos, minha amada, que os filhos são queridos, e sim por causa do Eu.

Não é por causa da riqueza, minha amada, que a riqueza é querida, e sim por causa do Eu.

Não é por causa dos mundos elevados, minha amada, que os mundos elevados são desejados, e sim por causa do Eu.

Não é por causa dos deuses, minha amada, que os deuses são adorados, mas por causa do Eu.

Não é por causa das criaturas, minha amada, que as criaturas são queridas, e sim por causa do Eu.

Não é por causa de si própria, minha amada, que qualquer coisa é estimada, e sim por causa do Eu."

(Brihadaranyaka Upanishad, escritura hindu)

Quando Jesus falou "amai ao próximo como a ti mesmo", Ele não disse que deveríamos amar ao próximo mais que a nós mesmos nem antes de nós mesmos.

Afinal como poderíamos amar alguém se não amamos aquele com quem teremos que conviver por todas as nossas vidas – nós mesmos ?

Se não nos amamos, tudo o que podemos sentir pelos outros e buscar neles são interesses, transferências, projeções, segurança, solução de carências, atração sexual, dependência, alimento de neuroses ... nada errado, apenas incompleto e desequilibrado.

Nos amarmos não é inflar nosso ego e nos sentirmos melhores ou maiores do que alguém ou alguma coisa.

Nos amarmos é nos reconhecermos e nos respeitarmos em relação à nossa essência Una, ao nosso potencial humano, talentos e realizações, e às nossas qualidades e virtudes.

Não, isto não é vaidade. Vaidade é se achar melhor que os outros.

As religiões que advogam a condição fundamentalmente culpada e pecadora do homem, criaram uma crença moral-religiosa de que pensarmos prioritariamente em nós e fazermos alguma coisa por nós mesmos é um abominável egoísmo. A virtude máxima é anular-se por alguém ou por alguma causa.

Mas se nos anulamos e nos consideramos o "cocô do cavalo do bandido", como vamos amar o próximo como a nós mesmos ??? Que qualidade de amor vamos poder compartilhar ???

Uma boa Senha neste caso seria : "EU PRIMEIRO".

Não, isto não é egoísmo! Egoísmo seria se sua Senha fosse "SÓ EU".

Então ficam aqui as seguintes perguntas para uma (re)reflexão, um (re)questionamento de conceitos que estão tão cristalizados em nosso inconsciente coletivo cultural e religioso, que são considerados as "verdades" absolutas, os valores corretos, sem maiores questionamentos, verdadeiros tabús :

- Porque dar é mais nobre do que receber ?
- Porque fazer por si é menos nobre do que fazer pelo outro ?
- Porque dar o que falta é mais nobre do que dar o que sobra?
- Porque "fazer o bem sem olhar a quem" é mais nobre do que optar e escolher a quem você vai disponibilizar sua ajuda ?
- Porque fazer sem esperar recompensa é mais nobre que fazer esperando um retorno (já que tudo dá retorno mesmo que você não queira, então o que se tem que desenvolver é o desapego)?

Todo o Universo é auto-regulado e funciona na mão dupla, na ida e no retorno, na causa e no efeito, no Yin e no Yang. Quando uma das vias se bloqueia, desequilibra-se todo o processo.

Por exemplo, achar que dar é mais nobre que receber e que fazer pelo outro é mais importante do que fazer por si (e ser o "bonzinho", aquela pessoa que faz tudo por todo mundo e depois sofre porque acha que ninguém retribui, que todos são ingratos) e achar que dar o que falta é mais elevado do que dar o que sobra, são exatamente as portas para a descompensação, que acaba por ir abrigar em alguma parte da gente, raiva e revolta, que se não vem à consciência e são trabalhadas, acabam

se somatizando em alguma doença física ou psico-emocional ou sendo descarregadas neuroticamente nas outras pessoas.

Muita gente argumenta que pensar em si e fazer por si primeiro, pode fazer inflar o ego e desenvolver insensibilidade para com o outro, arrogância, frieza, etc., mas penso que fazer caridade também pode vir a incorrer em um grande ego, vaidades, sentimentos de superioridade.

Kardec fala que "fora da caridade não há salvação", mas é importante que o exercício da caridade não esteja ocultando alguma fuga interna, anestesiando questões presentes e passadas, compensando baixa-auto estima, funcionando para compensar afetos ausentes e carências, ou para se sentir aceito e amado.

Nada disto está errado, claro, mas é necessário sempre trazer tudo para a consciência, aceitar e transmutar, para que não fiquemos tempo demais nos enganando e sofrendo (e muitas vezes incomodando os outros) .

Não tem problema nenhum esperar o retorno de uma ação, contanto que haja aceitação plena (e desapego) em relação ao que o Universo nos enviar neste retorno.

Primeiro, porque o retorno sempre vem mesmo; segundo, porque temos que atuar sempre com objetivos, e quem tem objetivos espera um retorno ; e terceiro, porque – como diz o texto da *Upanishad* lá no início – nós fazemos tudo por nós mesmos (lembre-se que a Física Quântica diz que você é o centro do Universo).

Quando fazemos caridade estamos ajudando a nós mesmos através do outro, quando amamos alguém estamos procurando amar a nós mesmos através do outro, quando temos filhos buscamos a nós mesmos através dos filhos... e assim é, nem errado nem certo, nem bom nem mau.

O segredo não é não esperar o retorno de uma ação (até porque isso é impossível, esperar uma contrapartida é absolutamente natural e até biológico), é ter aceitação e desapego em relação ao que o Universo nos disponibilizar.

Nós fazemos a nossa parte mas não podemos controlar a parte do Universo. E temos que aprender com tudo o que a vida nos oferece, independente dos nossos julgamentos, desejos e necessidades.

Se damos o que nos falta (que pode ser muitas coisas, dinheiro, tempo, paciência, trabalho, atenção, afeto) atestamos para nós mesmos e para o Universo que reconhecemos nossa inferioridade, já que ao dar o

que nos falta consideramos de alguma forma o outro melhor ou mais merecedor do que nós.

Isso, naturalmente só era interessante para religiões e para as ditaduras.

Claro que este desbalanceamento não fica incólume e a descompensação vai "morar" em algum recanto de nós como raiva reprimida.

Talvez o mais inteligente seja entender que a maior tarefa que o ser humano tem a realizar aqui na Terra é recuperar a consciência de sua condição essencialmente *Una*, feliz e perfeita, e que os exercícios necessários (que ele mesmo vai atraindo) para ir avançando nesta jornada, ninguém vai poder fazer por ele.

Obviamente que como somos uma teia, vamos invariável e inevitavelmente interagindo com muita gente ao longo da vida, vamos ajudando e sendo ajudados por muita gente, isto faz parte do nosso crescimento e é maravilhoso.

Não tem problema nenhum se fazer caridade, mas faça consciente de que é você mesmo quem você vê refletido no próximo.

É você na sua dimensão mais humana e Você na sua dimensão mais Divina (o Eu de que fala lá em cima a *Upanishad*).

Mas primeiro você cuida de você. Até porque, ninguém pode dar o que não tem...

ERNANI FORNARI